



ASIA MENOR — TUMULO DE MIDAS.

NA Asia Menor encontram-se muitos tumulos que podem com certeza attribuir-se aos tempos heroicos de Priamo e de Agamemnon. Homero descreveu o tumulo erigido por Achilles ao seu amigo Patroelo (*Iliada*, l. XXIII, v. 252). O tumulo erigido pelo proprio Achilles era da mesma natureza; porque Euripedes (*Hecuba*, act. 1) diz que a sombra d'este heroe apparecêra sobre o tecto do seu tumulo, e Seneca (*Troas*, act. V, v. 1149) assevera que, para immolar Polixena aos manes de Achilles, Pyrrus subira a alta montanha, que formava o tumulo, *ardui sublimis montis teligit*. Este tumulo ainda existe, ou pelo menos crêem os archeologos reconhecê-lo em certas ruinas que se encontraram no cabo de Sigea, e que mr. de Choiseul fez examinar em 1787.

De idades menos remotas existem n'aquella região não menos curiosos monumentos.

Nas cercanias de Koutaieh encontram-se construcções fanerarias de bastante interesse; são os mausolêus dos reis da Phrygia, que se admiram em Nicoleia, hoje Doganlou, a este da antiga *Cotyaeum*. A edificação d'estes monumentos effectuou-se talvez entre os annos 570 e 740 antes de Jesus Christo. A nossa gravura representa o que a tradição attribue ao rei Midas: compõe-se de uma fachada lavrada na mesma rocha, onde se observam duas inscripções, em uma das quaes Leake pode ler o nome de Midas, o que de certo modo confirma a tradição. O desenho d'este tumulo é mui singelo; contudo existem bastantes mais simples ainda, em que o contorno rectangular e o fron-

tão são unicamente indicados, sem especie alguma de decorações.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOGAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto!
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

Bogage não era proprio para conceber uma revolução na arte, e que o fosse, não tinha soado a hora opportuna de ella raiar.

Encaminhavam-se a uma renovação os sentimentos e os costumes; mas faltavam ainda as ultimas transições, fora das quaes todo o impulso antecipado desfallece.

Em quanto os individuos e as cousas se não agitam, a semente escondida não rebenta. O tempo e as circumstancias, é que levantam as bases ás reformas. A occasião faz a sorte das idéas activas; e se tudo estava disposto, o que balbuciava no principio e era timido, ganha audacia com a resistencia, e termina firmando o eunho da sua victoria. Os homens, que a gloria privilegiou para voz e acção d'estas immensas batalhas do mundo intellectual, quasi sempre pendem entre as duas epochas. Saem do passado para o futuro favorecidos com os dons das musas, e dotados de amplos thesouros de saber e reflexão. Os

primeiros para o exemplo: os segundos para a luta.

Elmano tão soccorrido de vocação carecia do cabedal de sciencia, da perseverança no gosto e no juizo critico, e do olhar longo e penetrante, qualidades distinctivas dos chefes. Vindo mais tarde, a indole fogosa de certo o attrahiria aos arraiaes da liberdade; mas ser elle o primeiro, não estava nas posses do seu engenho, e excedia muito ainda a altura do horisonte litterario em Portugal.

O seculo, herdeiro do esplendor de Luiz XIV, veio com a missão de demolir, e não de edificar; chegou para duvidar e discutir, e não para deduzir as consequencias da sua obra, confusa e cega, como todo o esforço moral, trabalhando por um plano, que a Providencia não deixa ler a cada geração, senão na parte que lhe respeita propriamente. A austera disciplina da escola de Arnaud, de Pascal, de Boileau, de Racine, de Corneille e Molière succedia a ironia picante, a facilidade correctiva de Voltaire, e o incessante movimento da seita philosophica, de que foi o vulgarizador applaudido, e o activo instigador.

Na esphera politica Montesquieu, não arrastando a sua toga, e sem querer abalar as columnas das antigas instituições com o esforço da critica, ajudava no mesmo sentido a direcção do espirito humano. Rousseau começava a abrir as portas á famosa catastrophe de 1789, illuminando com eloquencia igual a apologia do paradoxo, e a defeza das verdades sociaes. As sciencia, a poesia e a historia baixavam do pedestal do seculo anterior aos espirituosos torneios em verso e prosa, que douravam a decadencia, levantando-se como exhalações inebriantes dos banquetes dissolutos e dos prazeres insaciaveis, que assignalam a Regencia e o apogeo de Luiz XV. Uma velhice risonha e incredula, disfarçando as rugas no apuro juvenil, e dando aos vicios a graça e a nobreza, que sabia tomar, carcomia o coração e as forças, encanecendo nos homens e nas cousas.

A fidalguia, recostada nos privilegios, fazia da satyra elegante o seu recreio, e do verniz aristocratico uma superioridade na devassidão; e entre dous sorrisos, um de orgulho, outro de scepticismo, philosophava á meza e nos bailes sobre os volumes de João Jacques e do utopista Saint-Pierre. As paixões diluidas e repintadas queriam uma poesia, como ellas, que voasse á superficie, rogando-as apenas com a ponta d'aza. O amor e a ambição, as damas e os cortezãos, passejavam pelos jardins de Delille, embelezando os idyllios de Trianon, em que as pastoras eram Colletes de chapins bordados e colar de perolas, e os Nemorinos marquezes, camaristas e gran-cruzes. A natureza estudava-se da janella ou pela portinhola dos coches, extasiando-se a moda na fé e palavra dos Virgílios e Columellas de meia de seda e salto escarlata no sapato. As grandes transformações dos estados concebidas pelos livros, commentavam-se nos tratados de moralistas Lyeurgos na livraria, e pensionistas da cõrte, apenas o conseguiam!

A arte divulgada, e juntamente nobilitada, tinha de direito as suas entradas na Bastilha, nos touca-dores, e nas salas. Depois da ovação de Voltaire os poetas gloriavam-se de guiar os reis e os povos, meneando um palmito de flores. Os ideologos negavam a immortalidade, a lei revelada, e a aspiração do infinito, propagando a theoria das sensações. Entre a agonia do mundo, que ia expirar, e o baptismo de sangue da era que vinha amanhecendo, Beaumarchais fazia estalar na boca de Figaro aquella risada flagelladora, que escarnece pintando os desvarios da decrepidez enfeitada da França, proxima a declinar nos horrores da Convenção!

Mais abaixo, o povo ancioso queixava-se, escutando os risos e as festas em que as Aspasiae e as Cleopatras de 1788 derretiam as ultimas perolas feudaes; e com a mão grosseira limpava as lagrimas da oppressão e da orphandade. Uma inquietação vaga incutia-lhe desejos e impaciencias desconhecidas antes; e sem saber porque principiava a contar-se, e a medir os que viviam do ocio, dos privilegios e do fausto herdado. A ponte, que, arrazada a Bastilha, igualou o throno com o cadafalso, ainda não surgia nos sonhos delirantes dos jacobinos; mas o mais virtuoso dos Bourbons, victima expiatoria dos erros e vicios da sua raça, já tinha sobre a corda o véu da morte. Do Jogo da Péla ás conclusões do procurador da sanguinaria alçada de París, as rodas da carroça funebre depressa encurtaram as distancias.

O gosto e a correcção caíam em decadencia; e dos modelos mais estimados restavam apenas as tradições e a saudade! Tudo se desmembrava e dissolvia! Homens, idéas e formas, em confusão, e atropelando-se, suffocavam no aperto, forçando a voz para vencer o clamor geral. O ultimo vate inspirado, o auctor do poema da *Invenção*, pagava com a cabeça as illusões do engenho, e a generosidade da alma. Delille homisiava no silencio a sua gloria da vespera; Lebrun comprava a tolerancia, vendendo covarde louvor aos algozes dos bemfeitores. Laharpe na solidão dos carceres, entre a dor e o materialismo, aprendia a confessar a Deus. Lavoisier, Condorcet e André Chénier, o sabio, o philosopho, e o poeta, frontes que excediam o nivel da tyrannia da plebe, e se honravam de protestar contra ella, caíam debaixo do cutello da guilhotina, porque a republica não carecia de sabios, nem de chimicos para ser illustre! O despotismo da monarchia suppozera o contrario: o seu orgulho foram os louros das letras na testa de Racine, de Molière e de Boileau!

Todos os elementos desenfreados se combateram até serenarem de repente ao gesto de um soldado, e as paixões civis, curvando-se á prancha da sua espada, e ao esplendor do seu poder, foram espreitar nas antecamaras de Bonaparte a hora de lhe voltar as costas, promptas a dobrarem aos Bourbons proscriptos o joelho, calloso pelas prostrações, se a fortuna os restituísse ao throno. As artes que o governo militar comprime, e que a aspereza dos acampamentos assusta, as artes, desterradas e perseguidas em uns, protegidas por ostentação em outros, estudavam nas discussões intellectuaes da Allemanha, com M.me de Stael, ou suspiravam pela patria, com o auctor de René, nas florestas virgens da America, e debaixo das nebrinas do embaciado céu de Londres.

Os tres gigantes, destinados a dominarem a era do renascimento, Goethe, Chateaubriand e Byron, nascidos no seculo dezoito, tinham assistido á decomposição da sociedade, e recebido as grandes lições dos movimentos de uma prodigiosa epocha padecendo das injustiças e violencias do tempo. Quando veiu o clarão de uma risonha aurora depois do passado tempestuoso, como a aguia já podiam encarar o sol com a vista feita. A idéa triumphante, que acabava de modificar o mundo, erguia-se enfim plena e radiosa das gemonias da Convenção, e dos campos de batalha, consummada a Iliada de Bonaparte!

De todo o terremoto, que das margens do Sena abalando a Europa alcançou as fronteiras nevadas da Russia, e ao dedq de Deus só parou na ultima baliza de Moscow, chegavam apenas a Portugal, rompendo a censura, os successos de mais vulto, e os gemidos de maior força. Os thronos alluidos, desabavam; quinhentos canhões, troando em Austerlitz e Friedland; um rei decapitado como criminoso; sua

esposa, uma dama, assassinada juridicamente, eram infortunios que tinham um echo muito triste para não atravessarem todos os mares, ou para deixarem de soar ao coração e no ouvido da Península!

Entretanto apenas uma ou outra pagina allude aos acontecimentos, que assombram hoje a nossa idade, e que alguns dias mais tarde talvez se figurem fabulosos ás gerações seguintes. De que procede este silencio, que se interrompe apenas e que nos custa a explicar? Como fugiam pela face do espirito os revezes illustres, as catastrophes repentinas, e as sublimes convulsões da ambição, sem despertarem na sensibilidade, ou na imaginação as grandes imagens de Pindaro, ou a melancolia reflexiva de Virgilio?

É que na hora, em que a epopéa está nas cousas, a lyra mais audaz achanha-se e o talento mais arrogante prostra-se. Quando dous Titães, um do horror como Robespierre, outro da gloria como Napoleão, encham a scena, e impõem um sêllo quasi sobrenatural na successão dos factos, a voz do medo ou da lisonja ainda pode balbuciar um hymno; mas o canto livre, sente, porque se acha perto, que para as acções de Deus, assim reveladas, não chega a harpa de um vate, senão depois das harmonias de dous seculos.

É a razão, porque se tem negado a faculdade inventiva a esta epocha e á anterior. Tivemos tambem uma idade heroica, e os olhos de nossos paes contemplaram com espanto vultos d'aquelles, que, segundo a palavra do poeta, já do meio da sua carreira lançavam a sombra sobre a posteridade como grandes monumentos. Achamo-nos porém ainda perto da scena epica. O presente quasi que dá a mão ao passado; e o ideal quer-se menos proximo e mais alto do que as sociedades.

Além d'isso a ode, a illuminação lyrica, depois dos dias em que se arrebatava com as maravilhas de Jehovah nos cantos de Debora e de Moysés, ainda não fez senão declinar. Mesmo em Pindaro esmorece um pouco o ardor atraz da pompa, e o impeto é mais artificioso do que espontaneo. Pelo contrario em Sapho. As queixosas estrophes deixam correr o canto, languido se é de amor, e tempestuoso, se os ciumes o abraçam. Quer chame desvairada o ingrato amante, quer invoque para morrer a deusa, que a não escuta, a vehemencia agita-lhe o verso, o seio palpita com os affectos, e a paixão toda delirio assalta o peito, porque vem da alma. Percebe-se por entre o desalinho gracioso da ternura, ou na explosão das imprecações frementes aquelle toque admiravel, aquelle fogo subtil, que melhor do que ninguém descreve Horacio:

Est Deus in nobis, agitante callescimus illo
Impetus hic sacrae semina mentis habet.

Depois dos grandes mestres, a imitação de Pindaro, diluida em uns, e amaneirada em outros, puliu o estylo, combinou os metros; mas sempre escrava, como nota Villemain, nunca arremessou o vôo isento, que é a perfeição real do genero. Dir-se-ia que o Prometheu moderno perdeu o segredo de animar a estatua. Nas diversas escolas classicas, vê-se o talento percorrendo o circulo, mas não se atrevendo a ultrapassal-o; João Baptista Rousseau e Lebrun em França, Chiabrera em Italia, Gargão e Diniz entre nós, esmerando o engenho, conseguiram colher algumas flores na lyra dos antigos. O rythmo, a phrase ornada, a profusão das imagens e os desordenados e estudados transportes estão nos seus poemas; porém a commoção inspirada, e a ebriedade sublime do enthusiasmo no hymno dos hebreus, a es-

sencia e o bello da ode, se gemem uma nota divina, ou se tentam alçar um esforço audaz logo sentem o pezo das azas abater-lhes o desfallecido cantico. A frescura natal não veceja por elle; os attractivos originaes não coram a idea e os incidentes. Ha trechos famosos pelo gosto e correção; ha lances de expressão vivente; mas a simplicidade na invenção, a riqueza desafectada, e o esmalte da allusão moral ou do traço heroico dos primores antigos deixam longe pela superioridade sustentada os ensaios da arte moderna, como certos fructos perdem o perfume e a graga, creando-se fora do céu, que primeiro os viu nascer!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

SANSÃO NA VINGANÇA!

(1850)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

Juizes, cap. XVI, v. 30.

IV.

UM SALÃO NA PRAIA GRANDE.

De qualquer das alturas de Macau se gosa um bello panorama, mas os viajantes, em geral, preferem ver do mar esta formosa cidade. Dos navios ancorados no porto interior, abraça-se uma perspectiva magnifica: começando na aldêa de Patane, sobre a qual se ergue a decantada gruta de Camões, e correndo ao longo do rio, aqui orlado de casas chinezas, acolá de edificios christãos, e todo semeado de embarcações de varios tamanhos e de diversissimas formas, desde o ligeiro *gig* britannico até a pezada *sóma* chineza; vendo mais para o interior da povoação as torres da cathedral, o zimbório de S. José (collegio das missões, sem missionarios) boas casas e jardins, e lá no fundo do quadro as fortalezas do Monte e da Guia, campeando sobre seus elevados outeiros; o grandioso edificio da alfandega, de que já fallamos, d'onde se continúa ainda com optimas habitações, em diferentes planos, até á fortaleza de S. Tiago da barra, antes de chegar á qual está um dos mais venerados pagodes d'estas partes. Olhae que magestade apresenta o todo d'esse templo chinez, desfeido apenas por algumas carantonhas, barbaramente pintadas nas suas portas; vêde como sobem essas ruas, costeando a montanha por entre uma vegetação prodigiosa, conduzindo o viajante a varias capellinhas na progressão da subida, um pouco no gosto do Senhor Jesus da Serra em Braga, e mesmo em Bellas; lá está sobranceira a tudo isto a ermida de Nossa Senhora da Penha de França, já meia derrocada, e sobre a fortaleza da barra o seu, pessimamente collocado, paiol da polvora. É encantador este quadro; mas todos lhe preferem, e eu com as massas, n'este ponto, o painel que apresenta Macau, visto do oceano, quando demandamos o seu porto. Logo para fora da barra se encontra outro forte (pouco forte) que tem a invocação de Nossa Senhora do Bom Porto (do bom porto teimam em chamar-lhe quasi todos os turistas d'estes sitios!) forma elle um angulo agudo, por um lado com a margem do rio, e por

outro com a Praia Grande, que se encurva por uma grande extensão até aos escolhos, que servem de antemural á fortaleza de S. Francisco.

A Praia Grande, brilhante agglomerado de palacetes com columnas ao gosto asiático-bretão, é defendida em parte contra o oceano por muralhas de pedra, tem soffríveis caes, e proximo á residencia dos governadores a caricatura de um fortim á beira-mar, que incommoda os passeiantes e não tem utilidade alguma. Por traz d'esse enorme renque de columnas, sobre as quaes assentam arejadas varandas, encobertas por ciosas gelosias, vêem-se os quintaes do Bom Parto, a encosta da Penha, e outros risinhos jardins; lá muito longe as montanhas do' celestial imperio. Seguindo para o oriente torna-se a ver a igreja das Missões, a Sé e o frontespicio magestoso do convento de S. Paulo, unica parte que resta da incendiada fabrica; para dentro d'esses cancellos está o campo da igualdade, o cemiterio christão. Depois lá seguem os fortes de D. Maria II, do Monte, e da Guia (onde nunca estiveram os paços episcopaes, erro que já li em mais de um viajante,) e descendo sobre o mar encontra-se a fortaleza de S. Francisco, fechando esta perspectiva, como dissemos, onde está aquartelada a força de linha. Seguindo então com a vista pela praia na direcção opposta, isto é do oriente para o occidente, temos a notar as igrejas de S. Francisco e de Santa Clara (convento de freiras), e junto á casa da legação franceza a entrada da principal rua de Macau, que conduz á porta do campo, uma das que fecham a cidade; continuando porém a examinar a beira-mar, deixando os assentos de pedra, que hoje estão assombrados por novas arvores, começa a longa fileira de habitações elegantes, apenas cortada aqui e ali pela entrada de uma estreita deveza. Negociantes portuguezes e estrangeiros occupam quasi todas essas casas, com excepção das duas peiores e mais abarracadas, que são as residencias do governador e do juiz de direito.

É tempo pois de conduzir o leitor a casa de mr. James Murray, o commerciante escocoz de que falamos em outro capitulo, e para que não dêem por nós, aproveitaremos a entrada de Luiz Osorio e de outros officiaes da fragata e das corvetas, que não deixam de fazer um soffrível motim, e sentar-nos-hemos a um canto da sala, como meros espectadores.

Proximo ao Chumbeiro (extremidade occidental da Praia Grande), seriam sete horas da tarde do mesmo dia em que se passaram os successos que ficam referidos nos dous precedentes capitulos, enxergavam-se atravez das gelosias as salas illuminadas de uma casa, que Murray alugara já mobilada para passar dous mezes n'aquella cidade. É aqui que nos dirigimos, amigo leitor; antes porém de transpor o vestibulo, guardado por alguns criados chins, uniformemente vestidos de calça azul e meia branca, será certamente do vosso agrado ter algumas noções de quem sejam os habitantes da casa, a julgar-vos por mim, que não gosto de visitar quem não conheço.

James Murray tinha, como muitos dos seus compatriotas, a mania de viajar, mas de viajar sem descanso de uma á outra extremidade da terra. Teria quarenta annos, e já a cataraeta do Niagara lhe era familiar como as montanhas dos Pampas; de volta de Moscow embarcára para Senegambia, e enfastiado de Ispahan corrêra para a encosta do Vesuvio; fóra sob o céu de Napoles que elle encontrára Eugenia, uma formosa veneziana, que, como elle, tinha um amor decidido pelas viagens; apaixonou-se instantaneamente pela italiana, casou com ella ao

cabo de poucas semanas de conhecimento mutuo, e partiram em seguida para o Egypto; depois de visitarem Calcuttá, Bombaim e Ceylão, lembrou-se Murray de ir á China, e posto que sua mulher, já fatigada de tanto exercicio, e quasi curada da sua monomania, preferia voltar ao meio dia da Europa, elle, que se enfastiára da companhia como se enfastiava depressa das terras que visitava, propoz-lhe o seguirem diversos rumos nas suas perigrinações; Eugenia porém não accitou, receiava expôr-se aos perigos de viajar sosinha, e acompañou como uma irmã o homem por quem mezes antes tivera uma decidida paixão.

N'esta boa disposição vamos encontrar os conjugues sentados em macias otomanas, e cercados de varios amigos, entre os quaes está o commandante da fragata D. Maria II.

Luiz Osorio apenas entrou na sala correu para Eugenia, e apertou-lhe cordealmente a mão; depois trocou com James identico signal de amisade, e passou a conversar com o commandante, provavelmente ácerca dos acontecimentos de bordo. Eugenia, que pareceu perturbar-se um pouco com a chegada do mancebo, readquiriu logo o seu natural sangue frio, e continuou placidamente o seu dialogo com um official do batalhão de artilharia de Macau.

Eugenia não era uma d'estas italianas de punhal, que apparecem em tantos romances; não tinha o sobrolho negro e carregado como o d'esses eternos typos das filhas do Adriatico, mas antes uma physionomia melancolica, um ar de resignação nos seus olhos humidos e castanhos, que harmonisavam perfeitamente com cabellos quasi da mesma côr, e cujo unico enfeite era um laço de fita que se confundia com elles, formando cambiantes aos raios da luz vivissima, que espalhava na sala um rico candelabro. Pequena de corpo, airosa, de agradável trato, a italiana era o enlevo de quantos a conheciam. O militar era elegante, sem ser adamado, e posto que tivesse um rosto severo, nem por isso era menos gentil. Fallavam da tragica scena de Albino e Bernardino.

— «É muito cruel, querido capitão,» dizia Eugenia sorrindo; «pois approva aquelle acto de ferocidade do marido?»

— «Certamente, senhora, e ainda mais,» respondia o official com modo grave, mas decidido; «em seu logar eu teria matado tambem a mulher que me enganasse.»

— «Meu Deus!... parece que nunca leu aquelle episodio de Ignez no immortal poema de Camões? Pois eu, com ser estrangeira, lhe recordarei dous versos:

Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Peros vos amostras e cavalleiros!

— «Bravo!» exclamou Osorio, largando o commandante, e correndo para Eugenia, «já troca os versos do seu Dante e do seu Ariosto, pelos do nosso Camões!»

— «Quero fazer mais humano este nosso guerreiro. Diga-me, Osorio, em identico caso obraria como esse pobre Bernardino, ou iria mais longe, assassinando igualmente a sua esposa?»

— «Eu respondo pelo nosso tenente,» atalhou Murray, tomando parte na conversação; «o melhor era dizer adeus á esposa, e embarcar para a outra extremidade do mundo.»

Eugenia docu-se mais d'esta indifferença, do que se sentira da crueldade do militar; Osorio não se achou com animo de imitar a sua opinião, seguir e

se-ia provavelmente um longo silencio se o commandante se não aproximasse tambem do grupo, e não tomasse a palavra.

— «Feio objecto tomaram para thema da conversação. Já Osorio fallava comigo de um assumpto semelhante; denunciava-me duas conjurações contra a fragata, e uma d'ellas por minha causa; não acham, meus senhores, que um homem que tem a queixar-se de mim, deve antes fazer como Bernardino, dar-me um tiro e outro em si, do que pretender assassinar duzentos innocentes de envolta com o culpado?»

— «Que está ahí dizendo, commandante, não creia n'esses agouros,» apressou-se a responder Eugenia.

— «Não creio, não, e tanto que conservo a bordo o preconizado malfetor.»

Ainda se fallava n'estes objectos pouco divertidos, quando annunciaram o chá.

É vulgar por estas partes ir-se tomar o chá n'uma meza commum, onde ha mais do que os simples bolos, que costumam acompanhar aquella infusão; gasta-se por isso mais tempo á meza do que é usual na Europa; como porém o calor incommodaria os commensaes, ainda mesmo no mez de outubro, agita-se por cima da meza uma ampla ventarola, a que ali chamam *pancá*, a qual refresca com dogura o ambiente. Osorio deu o braço a Eugenia para a conduzir á sala da refeição, e aproveitou os momentos que esse pequeno transito lhe proporcionava, para pedir, em voz muito baixa, uma resposta já promettida de certo.

— «A' manhã de tarde, na gruta de Camões,» balbuciou a italiana com voz quasi inintelligivel; e depois virando-se para as visitas com modo gracioso, convidou-as a tomarem lugar em roda da meza.

A conversação tornou-se mais alegre d'esse ponto em diante, e a noute passou-se agradavelmente; alguns dos convivas jogavam o voltarete, outros o whist; dous inglezes jogavam o xadrez em silencio; Eugenia cantou algumas arias, e Osorio acompanhava-a ao piano. Os mais jovens da companhia preferiam dançar, mas faltavam as damas, e resignaram-se a jogar o bilhar. Todavia o prazer brilhava em quasi todos os rostos... e muitos d'esses homens tinham a vida contada por horas!

Em fim por volta da meia noute recolheram para bordo os officiaes da fragata, e disse o commandante para Osorio:

— «A' manhã pertence-lhe ir para a fortaleza da Taipa render o official ali destacado; é bom lugar para quem gosta de socego, para quem é poeta como o nosso Osorio; o peor é que por estes quinze dias não pode vir á Praia Grande.»

— «E se o camarada que lá está preferir continuar no mesmo posto, v. s.^a consentirá n'este arranjo?»

— «Certamente, até muito estimarei a troca; bem sabe que, de todos os officiaes, é o sr. Osorio quem eu mais aprecio, como merece.»

— «Obrigado, commandante; então creio que não irei para o degredo.»

— «Chama-lhe degredo?... o que é ser rapaz e ter amores!»

— «Não acredite...» começou a balbuciar Osorio, porém não continuou, temendo que apesar da escuridão da noute descobrissem a vermelhidão que lhe tingia o rosto.

— «Não acredito nada que lhe esteja mal,» proseguiu o commandante, «mas alegre-me que esteja ámanhã a bordo para me ajudar na investigação d'aquelle negocio em que me fallou, e mesmo para tratarmos de preparar o navio com decencia, que depois de ámanhã é o anniversario de el-rei.»

Seguiu-se um longo silencio, só interrompido pelo compassado remar dos marinheiros do escaler, até que atracaram á fragata; esse portaló que transpunham, era para quasi todos que ahí iam como a porta do tumulo que se fechava sobre os seus cadaveres!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



SOLDADOS DE INFANTARIA GREGOS.

Posto que a cavallaria, como dissemos no numero antecedente, constituisse a parte senão a mais numerosa pelo menos a mais importante dos exercitos na antiguidade, nem por isso os que os commandaram desconheciam a utilidade do emprego das massas de infantaria nos combates, posto que não as soubessem applicar de um tão vantajoso modo como o que a moderna tactica ensina.

Muito para estranhar seria que assim não acontecesse, sabendo-se que a tetráphalange, que (fallando da Grecia) constituia um exercito, contava entre 28:672 homens, apenas 4:096 cavalleiros; sendo por conseguinte a proporção entre as duas armas, como de 1 para 7.

Mas ainda na infantaria se reconheciam duas divisões; como entre nós, que temos a infantaria de linha e caçadores. Os *psilos*, combatiam sem couraça, nem escudo; as suas armas eram o arco e a funda, com que arrojavam sobre o inimigo pedras e frechas; formavam em frente dos *hoplites*, infantaria mais regularmente armada, e provavelmente composta de soldados escolhidos, que o general reservava para as occasiões decisivas, ou quando era mister restaurar a batalha compromettida pela imprudencia da peonagem.

Arriano falla ainda de uma outra especie de soldados de infantaria, que reunia as vantagens dos *hoplites* e dos *psilos*, chamavam-se *pelistas*; não eram tão pezadamente equipados como os primeiros; mas usavam ao mesmo tempo de um armamento que os habilitava a pelear com mais vantagem e segurança que os segundos.

Os gregos conheceram tambem a vantagem dos *quadros*. Timotheo, general atheniense, tendo de atravessar uma campina, onde devia esperar e reccar o ataque da numerosa cavallaria dos olynthienses, formou o *plinthion*, ou quadrado, mettendo no centro as bagagens, e de tal sorte se houve a sua gente que o inimigo não se atreveu a incommodar a sua marcha.

DESCRIPÇÃO DA VILLA, HOJE CIDADE DE S. JOÃO
DE EL-REI NA PROVINCIA DE MINAS GERAES,
IMPERIO DO BRAZIL.

Nas faldas d'agra montanha,
Que o Tejuco vae banhando,
Ternas moções despertando
C'o seu doce murmurar :

N'um valle curvo e espraiado,
Que aureas aréas povoam,
Onde mil aves revoam
Com seu canto enchendo o ar :

Onde aqui e ali dispersas
Se observam toscas moradas,
As mais d'ellas povoadas
Por gente de negra cõr :

Onde em paz vive e respira,
Nos braços da Natureza,
A candura, a singeleza,
E talvez tambem amor :

Em sitio ameno e risonho
D'este valle deleitoso
No logar mais espaçoso
Jaz a minha habitação.

Tão simples, como a minha alma.
Em moveis e architectura,
Entre as moradas figura
Da villa de S. João.

D'ella abaixo em curto espaço,
Curvos meandros fazendo,
Vae o ribeiro correndo,
Té n'um triste rio entrar.

De negro, funesto agouro
Nome tem as suas aguas,
Nome, que horrores, que maguas
Só costuma despertar :

D'elle junto ás margens tristes
Em já longa, escura idade
Victimas mil sem piedade
Cortou da parca o furor.

Rio das mortes chamado
Desde então té nossos dias,
Desperta inda hoje agonia
Inda hoje desperta dor

Mas ao ribeiro voltando,
Que pelo valle serpeia,
D'elle oh quanto a fugaz veia
Limpida e bella não é!

N'ella a belleza espelhar-se
Pode ver a imagem sua ;
N'elle o sol, e a clara lua
Copiada a vivo se vê :

Nas duas margens oppostas
A illustre villa se assenta,
E aqui activa alimenta
Commercio rico e feliz.

Por duas formosas pontes
De valente cantaria

Facil passo noute e dia
Provida industria abrir quiz.

Por ella frequente entrada
Tem do preciso a abundancia,
Que até de longa distancia
Vem a villa abastecer.

O clima é doce e macio,
Qual da Europa o mais ameno,
Ar puro, limpo e sereno
Convida aqui a viver.

Os fructos d'outro hemispherio,
As plantas mais preciosas
Vegetam livres, viçosas
N'este abençoado terrão

Da gente o trato é polido,
É franco e hospitaleiro,
Entre o indigena e o estrangeiro
Não se observa distincção.

Gosam-se aqui as doçuras
D'uma justa liberdade ;
A palavra *humanidade*
Não é som, ou noção vã :

Vive em paz das leis á sombra,
Quem do imperio as leis respeita ;
Tranquillo á noute se deita,
Tranquillo o encontra a manhã.

Do valle em torno vistas
Chacaras mil se descobrem,
Cujo chão frondosos cobrem
Lindos, uteis vegetaes.

Por entre as suas ramadas
De nunca extincta verdura
De modesta architectura
Se erguem tectos desiguaes :

Em varios d'elles habitam
Almas candidas, singelas,
Que ajuntam ao ser de bellas
Milhares de perfeições.

Com suas mimosas graças,
Com seus ditos innocentes
Ateiam paixões ardentes
Nos sensiveis corações.

Dos effeitos da ternura
Se alguém quizer isentar-se,
Quem pretender esquivar-se
Do cego deus ao furor ;

Ah! fuja d'estas moradas,
Fuja do sexo mimoso,
Aliás ser-lhe-ha forçoso
Cingir os ferros d'amor :

São Circes mui perigosas,
Irresistiveis Medéas ;
Fazem coar pelas veias
Veneno prompto e lethal.

Fuja do lar, onde habitam
Thalia, Aglaura, Euphrosina,
Da joven, bella Erycina
Fuja da estancia fatal.

Com seus divinaes encantos
Prendem tudo as tres primeiras,
Mândam nas almas inteiras
Co'as suas prendas sem par.

Erycina attrahe, commove
O mais intimo do peito,
Gera amor, gera respeito,
Chega as deusas a igualar.

De Cypris une á belleza
De Juno o ar magestoso,
Sem ostentar um vaidoso
Frio, indiff'rente desdem.

É um céu limpo e sereno
Em manhã de primavera,
Que a esperança anima e gera,
Sem dar audacia a ninguem.

Como a rosa fresca e pura
Vence em fragrancia as mais flores,
A lua como em fulgores
Vemos aos astros vencer :

Erycina assim vencendo
Vae todas as formosuras,
Todas deixando ás escuras,
Mal que chega a apparecer.

Mas d'esta imperfeita copia
Quem é a imagem divina?...
Só o diria a Erycina,
A ninguem mais o'direi :

Direi sim, sem que o segredo
Meu tema ver divulgado,
Que d'ella quem for amado,
Por mui feliz contarei.

Aqui chegava : eis que a musa,
Que se dignou de inspirar-me,
Cessando de bafejar-me,
A penna me cae da mão :

Mas, se eu tenho desenhado
D'esta villa deleitosa
A produção mais mimosa ;
Acabou-se a descripção.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS
DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

I.

JOÃO DE BARROS.

A SEGUNDA vantagem é desembaraçar a lingua e acostumar-a a todas as prolações, por desusadas e exóticas que sejam.

É tambem digno de se mencionar um pequeno circulo que João de Barros traz á frente das tabellas da syllabação, em que se acham engenhosamente expostas todas as syllabas da lingua portugueza.

Em outro lugar da obra que analysámos explica João de Barros mui judiciosamente, e como quem tinha lição profunda das letras classicas, os accidentes das syllabas, professando a theoria tantas vezes di-

latada e contrariada de existir verdadeira quantidade nas syllabas portuguezas, e de poder-se introduzir uma especie de canto na nossa linguagem, á maneira do que usavam na sua pronunciação os gregos e os romanos. É curiosa a razão com que João de Barros se escusa de entrar em mais particularidades sobre este assumpto, allegando que para o fazer lhe seria mister exemplificar as suas regras com trovas, que tem medida de pés e quantidade de syllabas ; o que era impossivel para o escriptor, por haverem caído as trovas em tal descredito, que gente seria e si zuda não ousava de as fazer sem arriscar a sua gravidade. Eis as proprias palavras d'elle :

« E dádo que em alguma maneira nos poderamos estender cõ regras para a cantidade e agento das nossas syllabas : leixamos de o fazer, porque pera se bem exêplificar as suas regras, ouvera de ser em trovas, que tem medida de pés e cantidade de syllabas. É porque o tempo em que se as trovas faziã e os homêes não perdiam sua autoridade por isso é degradado d'estes nossos reynos : ficará esta materia pera quando o uso o requerer. »

Segue-se depois na cartinha de João de Barros a parte que elle intitula Preceitos e Mandamentos da Igreja com algũas doutrinas cathólicas, em que os meninos devem ser doutrinados. Esta parte é composta em portuguez e em latim ; e parece verosimil que Barros usasse d'esta ultima lingua n'uma cartilha de infancia, com o fim de industriar as creanças na pronunciação de syllabas que na lingua portugueza não existem, facilitando-se-lhes assim a leitura do latim que era n'aquelles tempos aquillo a que se encaminhavam principalmente, e a que serviam de preparatorio indispensavel os estudos primarios.

Attentando, depois da analyse que temos feito, na tal ou qual perfeição a que João de Barros levára a cartilha no seu tempo, suscita-se naturalmente a questão de saber se fôra elle o primeiro que publicára alphabeto e syllabario de letra redonda, visto que desde a invenção da typographia até 1539, em que se a cartilha imprimiu, decorrêra já mais de um seculo.

A instrucção, considerada como encargo official do estado, não existia ainda n'aquelles tempos. A instrucção, que hoje chamamos primaria, existia unicamente nas Sés, onde o mestre-escola não era como hoje uma dignidade honorífica do cabido, mas um conego encarregado de ensinar os que se votavam ao estado clerical, e os estudantes pobres da diocese, e nos conventos instituidos com essa condicção. Fora d'estes logares havia mestres particulares que educavam nas casas nobres e opulentas, incluindo o proprio pago dos nossos reis, especialmente o de el-rei D. Manuel, onde João de Barros aprendêra, e havia outros mestres que abriam escola, onde por um prego convencionado admittiam os que se dedicavam a officios de *papele tinta*, como lhe chama João de Barros, aos que se destinavam ás faculdades academicas de então.

Copiaremos aqui alguns trechos com que o nosso auctor exclarece com dados preciosos, e judiciosas observações o estado da instrucção primaria no seu tempo.

« Nem todolos que ensinam ler e escrever, nã são pera o officio que tem, quãto mais entêdella, por erára que seia. É ainda que isto nã seia pera ty, dilloey pera quem me ouvir, como homê zeloso do bem commũ. Hũa das cousas menos oulháda que á nestes reynos, é consentir e todalas nobres uillas e cidades, qualquer idiota e nã aprouado em costumes de bõ uiver, poer escola de insinar mininos. É

hũ çapateiro que é o mais baixo officio dos macanicos; nã põem tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danár a sua pèlle, e nã o cabedal alheo, e máos mestres leixam os discipulos danados pera toda a sua uida, nã somente com vicios d'alma, de que poderamos dar exemplos: mas ainda no modo de os ensinar. Porque auendo de ser por uma cartinha que ahy á de letera redonda, porque os mininos leuemente saberám ler, e assy os preceitos da nossa fé, que nella estam escriptos: convertem ôs a estas doutrinas moraes de bõs costumes; *saibam quantos esta carta de uenda: E depois desto aos tãtos de tal mes: E perguntádo pelo costume disse nichil.* De maneira que quando hũ moço say da eschola, nã fica cõ nichil, mas pode fazer melhor hũa demãda, que hum solicitador dellas, porque mãma estas doutrinas cathólicas no leite da primeira idade. E o que pior é, que per letera tirada andã hũ anno aprendendo por hũ feito: porque a cada folha começa nouamente conhecer a differença da letera que causou o apíro da pena com que o eserinám fez outro termo iudicial.

«As audiencias e nã as escholas fizeram todos los iuristas destros em o ler dos feitos: e os officiaes publicos (cujá profissão é papel e tinta) que a nam tiueram de letera redonda, nã sabem rezãr hũa oraçã per ella, e pela tirada tam mais corrêtes que hũ ce-go na oraçã da eparadada. Assy que desta esperiencia podés enferir *ler a eschola õ ensina, desenvoltura os negocios á dano, letera redonda se aprenda, e a tirada sem mestre se alcança.* Quẽ quizer filhos que lhe nã saiam da escola, desesperádos de poder ir auante, per os barrancos que tem o caminho da letera tirada, per a redonda os manda primeiro caminhar, cá esta cõ pouco trabalho, e muito proueito, e em menos tẽpo se alcança, e ficã per ella abiles pera maiores doutrinas.»

D'este logar de João de Barros se conclue, que antes d'elle já existia uma tal ou qual cartinha de letra redonda. Porque não é provavel que n'este logar dos *Dialogos em louvor da nossa linguagem*, se referisse á sua cartinha, mas sim a outra que devia já existir por onde se ensinaria nas Sés e nas instituições religiosas. Porém que ade João de Barros necessariamente levaria grande vantagem ás do seu tempo, facilmente se deprehe de do grande vulto e importancia que Barros occupava então na cõrte de D. João III; confiando-se-lhe a historia da conquista da India, e os altos cargos que exercia no paço. Ainda se conjectura a excellencia da sua cartinha sobre todas do seu tempo, attendendo ter sido escripta para aprender por ella o principe D. Philippe, filho de D. João III, sendo seu mestre o bispo Fr. João Soares.

João de Barros tem por todos os titulos direito incontestavel a ser julgado um homem superior para o seu tempo, e para a illustraçã geral do seu paiz. A analyse das obras pedagogicas d'este escriptor insigne prova que elle, mais do que nenhum outro do seu seculo, e da sua terra, e talvez que da Hespanha toda, se applicou com uma intelligencia pouco vulgar, e com um fervor sem exemplo, a compor e a divulgar os livros de que a puericia havia mister para sua educaçã e ensino.

Vemos a João de Barros coordenar pela primeira vez uma cartinha systematica e facil de letra redonda, para remediar o damno que os mestres indoutos causavam com as suas cartilhas manuscriptas. Não se contenta o Pestalozzi portuguez do seculo 16.^o em vulgarisar os primeiros elementos da leitura. Era preciso que os meninos doutrinados no ler tivessem em que exercitar esta arte preciosa, porque, diz Barros no prologo do *diologo da viciosa vergonha*, de-

pois que os meninos sãem das letras, que é o leite da sua creaçã, começam a militar em costumes, para que lhe convém armas convenientes aos vicios naturaes de sua idade. João de Barros, para offerecer ás creanças um livro de leitura, que ao mesmo tempo fosse como cathecismo de moral, escreveu o livro da *viciosa vergonha*. E para que a forma fosse amena e delectavel para as imaginações dos leitores a quem o livro dedicára, compol-o em forma dialogal, muito usada em livros de doutrinaçã e philosophia desde a maior antiguidade, e muito frequentada por todos os que quizeram tirar á sciencia e á moral as asperidades dogmaticas, e os rigores da dialectica. E logo em 1540 a obra veiu á luz publica, na officina de Luiz Rodrigues, typographo d'el-rei. Sobre este assumpto, da viciosa vergonha, encomendára Barros ao doutor Antonio Luiz, medico e philosopho mui nomeado n'aquella idade, e conhecido pela sua muita erudição nas letras, que lhe escrevesse um tratado, em que a sciencia opinasse o que sobre tal assumpto se podia dizer. Antonio Luiz escreveu de feito o tratado, intitulado-o *De Pudore liber unus occulta quaedam exhibens é Græcorum historiis excerpta*, o qual saíu em Lisboa em 1540 em casa de Luiz Rodrigues, livreiro d'el-rei. No mesmo anno de 1540 deu João de Barros a publico a sua *grammatica da lingua portugueza*, que é em parte o commentario, a explicaçã e desenvolvimento da sua cartilha, em tudo o que se refere aos valores das differentes letras do alphabeto portuguez.

Estas tres obras, a cartilha, a grammatica, e o dialogo provam em João de Barros idéas luminosas e concretas sobre a educaçã primaria, e os meios mais racionaes de a dirigir, e dão-lhe durante seculos, copiado e plagiado pelos seus continuadores, a preeminencia de mestre em todas as escolas de Portugal.

Sendo porém reconhecida a excellencia da sua doutrina sobre toda a do seu tempo, e dos que se lhe seguiram, porque razão vemos nós a cartinha do escriptor das *Décadas* por tanta maneira esquecida e proscripta, que nas escolas rapidamente desapareceu o seu nome, e apenas entre eruditos ficou memoria de que o historiador profundo descêra da elevaçã do talento a encaminhar os meninos e idiotas na primeira doutrina? Como é que um methodo de ler, abonado pela sua propria bondade, recommendado pela auctoridade de tamanho nome, dedicado á educaçã de um principe, e necessariamente celebrado no seu tempo, pode cair tão depressa em tamanho esquecimento?

Parece-nos poder conjecturar alguma plausivel explicaçã a este caso.

J. M. LATINO COELHO.

OS HYPOPOTAMOS E A MUSICA.

Escreve o major Denham, que os hypopotamos não são insensiveis aos encantos da musica. «Ao nascer do sol,» diz elle, «quando nós iamos marchando ao longo das margens do Moggaby (lago de Bornu, na Africa central) os hypopotamos seguiam a nado os tambores dos differentes chefes. Algumas vezes aproximavam-se tanto da terra, que a agua, que expelliam das ventas, vinham alagar os que passavam pelas bordas do lago. Contei uma vez quinze d'aquelles monstruosos animaes retougando á superficie da agua.»

— Um magistrado parcial é um homem perigosissimo, um inimigo publico, ou antes um monstro na sociedade.